

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva

Sem palavras na ponta da língua:  
saúde mental coletiva, pedagogia e gagueira

Gisele Vicente da Silva

Porto Alegre  
2013

Gisele Vicente da Silva

Sem palavras na ponta da língua:  
saúde mental coletiva, pedagogia e gagueira

Trabalho de Conclusão de Residência  
Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva  
do Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Luciano Bedin da  
Costa

Porto Alegre  
2013

Nas mentes manicomiais está o pior. Nos maus encontros está o pior.  
Nos hospitais e na falta de saneamento básico está o pior. Na invisibilidade do  
mesmo está o pior. Na certeza do viver bem está o pior!

Na possibilidade da pedagogia no EducaSaúde, está o melhor!  
No encontro com Analice, Károl e Belchior, está o melhor!  
Das idas à Itapuã (com direito a bossa nova de Vinícius e muito rock'n roll) isto  
é o melhor. Na amizade dos grandes Vinícius e Katiuscia está o melhor! Ter sido  
orientada por Luciano Bedin, isto é o melhor! Em toda caminhada a presença  
amorosa de Diego Marques, isto é o melhor!

As pessoas que encontrei em percursos diversos: trabalhadores, parceiros de  
ideias, cuidadoras, transeuntes, sonhadores:  
neles está o melhor! Em Leas e Leão está o melhor.  
De Fora da Casinha, de tantas pessoas, gente viva de vibrar.  
Isto é o que há de melhor.

preciso algo esteja doente aqui - eis a nossa resposta observar  
 perto sábios todos tempos talvez não tão firmes permanecer  
 atrasados talvez a sabedoria apresente-se sobre a terra co  
 mo um corvo ao qual um  
 entusiasmo? Irreverência  
 qual intensamente precon  
 to se lhe contra punha  
 o, como instrumentos da c  
 so demonstra muito mais  
 sábios, possuíam entre si al  
 colocar frente a vida da me  
 ara precisar se colocar fren  
 Juízos de valor sobre a vid  
 nca podem ser em última  
 s: eles só pos  
 sintoma, e l  
 a ler consi  
 lando sinto  
 Imbecilidade en  
 der tão com ta  
 alçar a apre 200  
 nder então comple eno  
 ntal alcançar a  
 se admirável,  
 o valor da vida  
 der ser avaliada  
 E que fins ins  
 mos em nossos  
 não se aprelen  
 não enquanto  
 dos: por torná-  
 por fazê-los pe  
 que nasceu abor  
 cia: Metafísica  
 o conhecimento. Ou ciência formal  
 tamente como a lógica e aquela  
 emática. Hoje, ao contrário, vemos até  
 preconceito da razão nos obrigar a fixar a unidade, a identidade,  
 de, a dedução, a substância, a causa, a coisidade, o Ser, no  
 s enreda de certa maneira no erro; nos leva necessariamente  
 ao erro. Olhos advogados longínquos do erro; no que concerne ao  
 preconceito da razão, é nossa linguagem - E ela paga caro por isso!

pequeno odor de carniça  
 asseverar decadentes na  
 ceito erudito e não-erudi  
 com sintomas de declíni  
 omposição grega. O consen  
 que eles mesmos, estes mais  
 gum acordo físico lógico para se  
 sma maneira negativa p  
 te a ela des ta forma  
 a, a favor ou contra, nu  
 instância verdadeiro  
 suem o valor como  
 es só podem vir  
 denados enq  
 mas. Tais juízos  
 es. É preciso enten  
 pletamente os dedos e tentar  
 ção frente. É preciso ente  
 tamente os dedos e te  
 apreensão desta fines  
 que consiste no fato de  
 não ser aviado não po  
 o. Não por um vivente  
 tos de observação te  
 s. Nelas a afetividade  
 posturmos ciência se  
 elimos aceitar senti  
 incisivos, por armá-los,  
 o fim. O resto é algo  
 que ainda-não-é-ciên  
 a, Psicologia, Teoria d  
 teoria dos signos: exa  
 lógica aplicada, a mat  
 que ponto o fato de o  
 a unidade, a identidade  
 a coisidade, o Ser, no  
 necessariamente  
 no que concerne ao  
 E ela paga caro por isso!

## **Resumo**

Este trabalho de conclusão de residência multiprofissional em saúde mental coletiva se inscreve em narrativas de percursos. Pretende, em processos de desmanches de palavras, provocar um gaguejar da língua multiprofissional em saúde mental coletiva. Trabalho feito em muitas mãos, de encontros com Roland Barthes e sua abordagem acerca da teatralização da língua, com Manoel de Barros a escovar palavras para ouvir seu primeiro sussurrar e Jorge Larosa com sua ideia de sujeitos enquanto viventes de palavras. Apresenta, sem palavras na ponta da língua, a pedagogia, a saúde coletiva e seus gaguejares. Com palavras de titubear trajetos em estar residente, perguntar: qual o lugar da pedagogia na saúde mental coletiva? Em atos de saúde, a pedagogia chega nova sem ser novidade: ela chega entre espaços de não estar. De pensamentos nômades, uma pedagogia em saúde mental coletiva pode emergir de práticas mestiças, do gaguejar de palavras, do trincar da língua.

Palavras-chave: Saúde Mental Coletiva – Palavras – Pedagogia

## Lista de Figuras

IV

Figura I Palavras Corpo

XVI

Figura II Pedagogia e Saúde Mental Coletiva: dois pulsos ondulatórios

Figura III O fenômeno da interferência construtiva: o encontro da pedagogia e da saúde mental coletiva

XVII

Figura IV Interferência destrutiva: amplitude zero

XVIII

Figura V Trincar um verbo

XXVIII

Figura VII Cena VII

XXXIII

Figura VIII Sem crise da folha em branco

XLV

Figura IX Palavras Corpo

Os desenhos, figuras e foto deste texto são composições de Gisele Vicente, exceto as figuras II, III e IV, disponíveis em <http://www.infoescola.com/fisica/interferencia-entre-ondas>.

## **Sumario**

IX Prólogo

XV Parte I

XXIX Parte II

XXXIV Parte III

XXXIX Parte IV

XLIII Epílogo

XLVI Referências

Eu uso esta técnica.  
Eu lisonjeio as palavras.  
E elas até me inventam.

Manoel de Barros.

## Prólogo

Como escrever sobre uma vida? O exercício parece impossível. A vida explicada é fastidiosa. *Experimentar* ao invés de *falar sobre*, este foi o meu caminho.

\*\*\*

Escrevo por exigência, cumprimento, mas também por paixão. “Escrevo para entrar numa vida.” (Costa, 2009). Escrevo para ensaiar vidas em mim. Escrevo para pessoas *em vida*, para multidões *em nós*, escrevo de *pequenas solidões*. Eis-me aqui, um vivo.

\*\*\*

A partir da convicção de que as palavras “produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (Larosa, 2002), perceber e escutar nossas palavras em saúde mental coletiva é dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isso do que somos, de como nos colocamos diante de nós mesmos e diante dos outros tem a ver com a palavra.

\*\*\*

A pedagogia na saúde mental coletiva anda murmurando. Balbucia um linguajar tentando marcar alguma entonação. Então a própria língua de uma pedagogia põe-se a gaguejar.

\*\*\*

De pensamentos nômades, uma pedagoga se desequilibra e cambaleante compõem palavras: “gaga de nascença e, no entanto tinha algo a dizer” (Deleuze, 2008, p.123). A pedagoga quer saber, será possível fazer nossa língua gaguejar? Ela entende que coletivos multiprofissionais fazem a língua deslizar, bifurcar e variar em cada uma de suas palavras.

o tensor e o limite, a tensão na língua e o limite da linguagem. Ambos os aspectos se realizam segundo uma infinidade de tonalidades, mas sempre juntos: um limite da linguagem que tenciona toda a língua, uma linha de variação ou de modulação tensionada que conduz a linha limite. E assim como a nova língua não é exterior à língua, tampouco o limite assintótico é exterior à linguagem: ele é o *fora* da linguagem, não está fora dela. (Deleuze, 2008, p.128)

Buscar tem sido todo o seu caminho: em texto-composição, texto-vazado, texto-silêncio-de-palavras: pensar quais palavras compõem a saúde mental coletiva é exercício desta escrita. Exercício que se faz de um texto que “já não tem a frase por modelo; é amiúde um potente jato de palavras” (Barthes, 2010, p.13). Em jatos de palavras, um tanto descontínuo, pensado para ser simples, de poucas palavras, este trabalho não conclui e não impõem: ele escuta.

\*\*\*

Bocas de ouvir nossas palavras em coletivos multiprofissionais para com pés de se olhar, ver quais realidades atualizamos com nossas palavras. Assim, na proposição de práticas de desmanches de palavras, esta escrita convida a fazer gaguejar nossos conceitos em saúde mental. Entre frases, enunciados, referências, experiências, imagens e fabulações, cultivar espaços vazios para a ausência de palavras.

## Parte I

Nada existe, exceto a língua.  
Barthes.

Tenho muitas palavras dentro do olho. Aprendi a dialogar com as águas, ainda que não soubesse bem a língua das marés. Contudo que soletrassem mares melhor que mim. Palavras conchas de clamores antigos incrustados em pedras de murmúrios ininteligíveis. Acho que nunca tive palavra na ponta da língua, que saísse fácil. Palavra em mim é como soco na boca do estômago. Palavra morna, doce, bem intencionada também têm impacto: palavras blocos gessos ósseos discursos que permeiam nossos manicômios virtuais, nossas desinstitucionalizações institucionalizadas, nossos jeitos de conduzir, de cuidar, de dizer e reconhecer o saudável, etc. Eu sabia que “as palavras possuem no corpo oralidades remontadas e muitas significâncias. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro engasgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda dígrafos.” (Barros, 2008, p.21).

O escovar das palavras da pedagogia na saúde mental pode bem fazer gaguejar nossos conceitos de saúde. A pedagogia pode atualizar este movimento multiprofissional, pelo seu caráter de coletivo, de cidade, de fluxo, de pensamento. O contrário também pode acontecer: a saúde coletiva e suas diferentes profissões refazem a pedagogia, desfiguram a pedagoga que, com fios diversos tece para si muitas máscaras. Tecem também palavras

obviamente, não está em negociação impor ou não a condição multiprofissional. Devemos reconhecer a imposição social da multiprofissionalidade. Resta-nos partir da admissão dessa condição, já de antemão, para negociar em cada realidade os modos, meios, processos e dinâmicas para sua efetivação. (Ceccim, 2008, p.262).

Dentro de categorias anteriormente bem definidas, palavras fatigadas de informar da saúde coletiva e da pedagogia bem podem atritar-se, podem combinar entre si a criação de novas palavras, através da composição, da derivação, do ensaio.

Escovar palavras. Como o arqueólogo sentado na terra a escovar osso por amor, escovar o texto por prazer, entregar-se a fruição da palavra pelo gozo, repensar a língua e se possível desmontá-la: porque fomos nós que a inventamos! Estar como alguém que, num processo de raspagem da palavra dita em saúde mental faz desse exercício, também, os modos, processos e dinâmicas para a efetivação da multiprofissionalidade, da prática coletiva. Seria então, todo movimento de fazer fissuras, pelo gosto de tirar em lascas todo excesso que a palavra carrega.

Que falasse a gaguejar conceitos talvez ouvisse a encenação de um aparecimento/desaparecimento da língua. Assim, para cada palavra em movimento um tropeço repentino. Algo de supetão. Pé pedra rosto chão. Um desatino. Um apagão sem aviso. Um lapso. Um circuito eletrocardiográfico. Um jogo de aparecer e desaparecer. Não queremos palavra nova o tempo todo. Ela vem quando em bons encontros, nos intervalos das tensões.

### **Da composição**

Seria pouco supor a formação de um profissional de saúde como um processo de aquisições e habilidades intelectuais. Além das atividades protocolares, quais intercessores intervêm em nossa formação? Para Ceccim,

intercessores são interferências constituindo agenciamentos, convocações ou modos de sentir-pensar-querer e, aqui, nos servirão para qualificar os fatores de exposição a que somos apresentados para nos configurarmos profissionais de saúde. (2008, p.263).

Uma pedagogia pode fazer saber que a língua, como coisa viva que é, só muda quando mudam as pessoas, as relações entre elas e a forma como lidam com o mundo. Falamos então de intercessores capazes de provocar muitos burburinhos, cochichos, sussurros, desde que para outra língua que não sabemos. Deleuze nos traz a ideia de que intercessor pode ser tudo que dá para pensar em determinado campo - na saúde mental coletiva - que lhe é exterior, que lhe está *no seu fora*. A pedagogia tem seus intercessores não-pedagógicos assim como a saúde mental tem os seus.

A pedagoga seduz intercessores que façam gaguejar uma língua maior de disciplinas, que faça gaguejar palavras de um fio condutor, de uma língua maior em saúde mental coletiva. Talvez a pedagoga estrangeira de sua própria língua possa, em intercessões, fazer uso de exercícios de desmanches profundos de frases feitas no campo das ideias em saúde e em educação.

Intercessores são exercícios de pensamento, são novas formas de expressão, são jeitos diversos de pensamentos gagos..

pensar não é o exercício natural de uma faculdade. O pensamento não pensa sozinho e por si mesmo, como também não é perturbado por forças que lhe permaneceriam exteriores. Pensar depende necessariamente das forças que se apoderam do pensamento. (Vasconcellos, 2005, p. 1220)

Intercessores são forças. Fazem o pensamento sair de sua imobilidade, provocando encontros. Intercessores nos importam por serem capazes de tornar possível a criação. Ser intercessor em si é romper com o sujeito da oração, inerte. É sofrer a ação de forças externas que nos movimentem. Pensar por intercessão é explicar, desenvolver, decifrar, traduzir palavras. Criar vocábulo. Cada vocábulo de um idioma, cada ideia que ele carrega é uma teia de sentidos que vai se alterando ao longo da História, alterando-se no próprio fazer-se dos sujeitos na História.

A palavra *Pedagogia*, por exemplo, tem origem na Grécia antiga. *Paidós* significa criança e *agogé*, condução. O pedagogo era aquele que conduzia as crianças para com o professor aprender. O termo *pedagogo*, como aquele que conduz, pode ser também ser chamado de preceptor, guia; o pedagogo era o escravo que conduzia os meninos até o *paedagogium*.

A pedagoga em uma saúde mental coletiva tenta não mais conduzir. Agora ela é quem é conduzida por movimentos sem rostos, por silêncios não-interpretados e não-interpretantes. Esta outra pedagoga pensa que as palavras só mudam quando mudam as complexas realidades que elas expressam. Uma composição entre pedagogia e saúde mental coletiva pode tomar como intercessores em seus processos de formação, movimentos que ela traduz para as palavras interferência e interstício.

A pedagoga está *de chegada*, e é conduzida *entre* palavras preexistentes em lugar nenhum. É interferência. Interferências podem ser palavras destinadas ao *entre*: entre atos, entre mundos, entre vidas. Faz-se interferência porque em intervalos de sentenças tenta um vazio, e que nele haja possibilidade para uma experiência de linguagem, experiência-limite, de ultrapassagem de modos imperativos do dizer em saúde coletiva, colocando a gaguejar ideias ordeiras, que emitem conselhos, que fazem pedidos, que esperam a boa saúde. Que entre nós sempre haja espaços vazios para estes e outros possíveis pensamentos (in) pensados na saúde mental coletiva. Que nossos blocos sejam sempre de carnavais.

Interferências. Ruídos que vem do fora, adentram espaços e fazeres terapêuticos e murmuram em nossos corpos, seduzindo-nos para uma mistura sem saber no que vai dar: não há garantias em nenhuma prática, propomos experimentar. Para a pedagoga, vibram palavras porque elas têm gana, sempre!

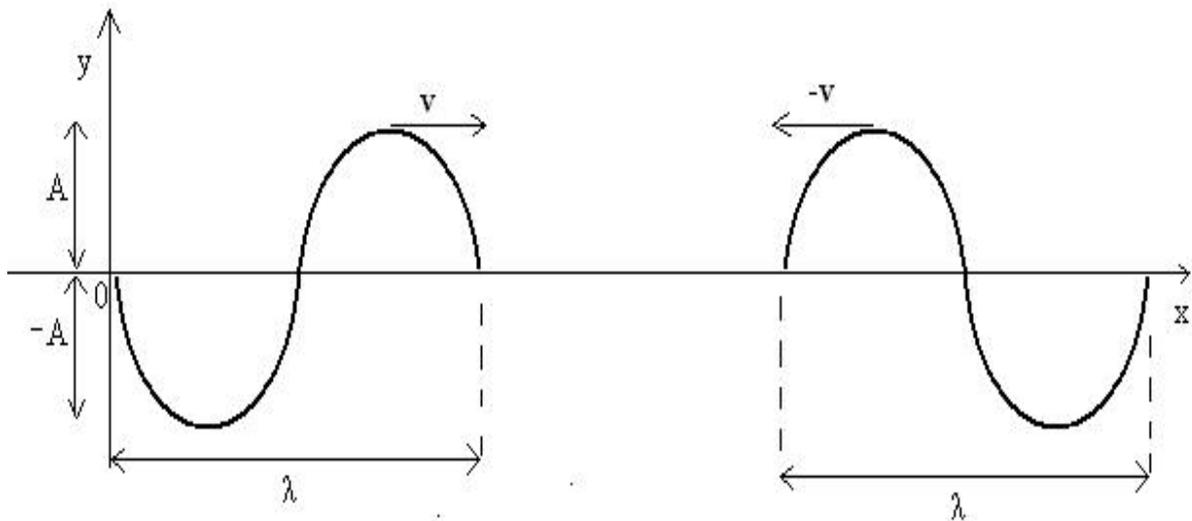
A pedagoga quer compor outros linguajares. Línguas menos tagarelas, com palavras performáticas de inserções em movimentos que ela não conhece: é no percurso de criar palavra que ela conhece palavras. Pensar os percursos de uma pedagogia e de uma saúde mental, se na perspectiva de intercessores, é pensar nômade: em movimento.

os movimentos mudam, no nível dos esportes e dos costumes. Por muito tempo viveu-se baseado numa concepção energética do movimento: há um ponto de apoio, ou então se é fonte de um movimento. Correr, lançar um peso, etc.: é esforço, resistência, como um ponto de origem, uma alavanca. Ora, hoje se vê que o movimento se define cada vez menos a partir de um ponto de alavanca. Todos os novos esportes – surfe, windsurf, asa delta - são do tipo: inserção numa onda preexistente. Já não é uma origem como ponto de partida, mas uma maneira de colocação em orbita. O fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga, de uma coluna de ar ascendente, “chegar entre” em vez de ser origem de um esforço. (Deleuze, 2008, 151)

Através da interferência, uma composição entre pedagogia e saúde mental pode, em palavras, percorrer espaços como *interferências construtivas* em todas as direções, como casas cujos recintos são melhores de se ouvir a música. Desta composição, pluralizar discursos e inventar verbos. Com quantos verbos se faz saúde mental coletiva?

No exercício de tradução de algumas palavras, a pedagoga brinca com o verbete *interferência*, que na língua da física quer dizer do “fenômeno resultante da superposição de dois movimentos vibratórios na mesma frequência” (Aurélio, 2012, p.443)

Pedagogia e Saúde Mental Coletiva. Dois movimentos vibratórios. Visualizemos tais movimentos como pulsos ondulatórios se propagando, conforme mostra a figura II:



Considerando as duas ondas da figura acima, de mesma amplitude e comprimento: a Pedagogia e a Saúde Mental Coletiva, em igual freqüência quando, em encontro, há possibilidade de gaguejar línguas no fenômeno da interferência. Assim, as energias de ambas as áreas somam-se no momento em que elas se encontram:

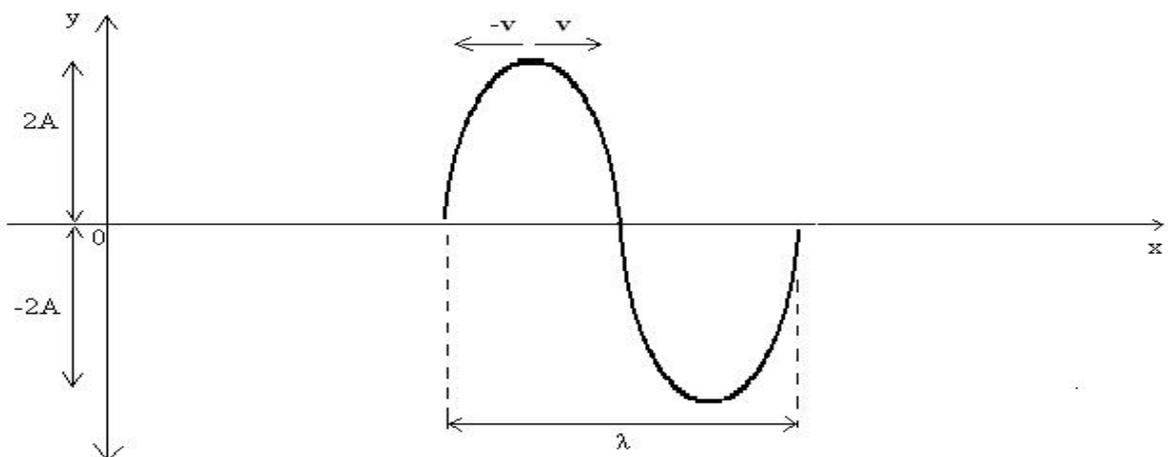


Figura III

Se não na mesma freqüência, coletivos multiprofissionais podem ter potencial aniquilador, atualizando interferências destrutivas, resultando em amplitude zero, conforme mostra a figura abaixo:

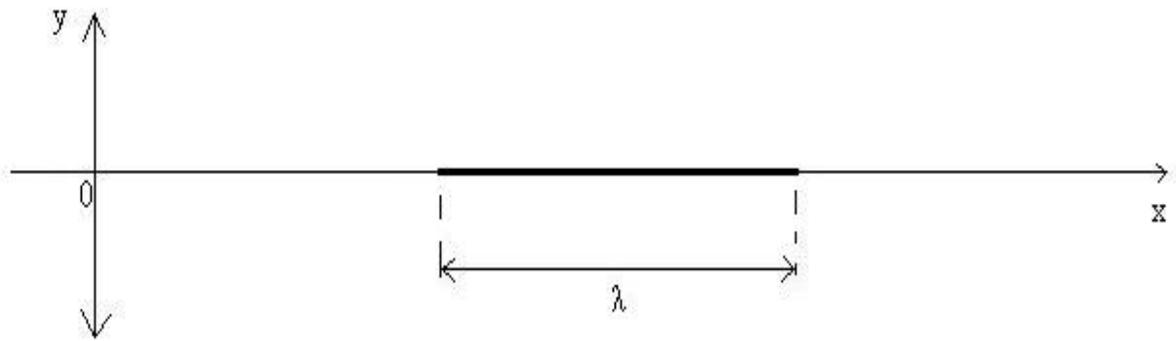


Figura IV

**Interstícios**, segundo o dicionário Aurélio,

s.m. Intervalo que separa as parcelas de um todo ou as moléculas de um corpo; intervalo; fenda; greta. / Histologia: refere-se a pequena área, orifício ou espaço existente na estrutura de um órgão ou tecido orgânico. (2012, p.445)

A pedagoga ilustra: gosta de imagem para desmontar palavra. Chega *entre* a foto que perdura o instante: somos em intervalos de caducar palavra. A imagem deixa toda palavra assim: meio corpo, palavra tinindo, trincando.



Embora interstício possa ser utilizado como sinônimo de espaço extracelular, que é todo espaço em um organismo fora das células, é palavra convidada nesta escrita para fazer brincar blocos de falas. Interstício refere-se aqui ao extralinguajar, que pode ser todo espaço entre línguas. Palavras de nomear nos chegam depressa demais! Ocupam qualquer intervalo do entre Uma vez entre línguas o gozo do instante que escapa a possibilidade de tempo medido e vivido, e neste instante a possibilidade de esvaziar nosso linguajar, palavra fluída saliva que escorre débil deformando bocas pesadas de dicionários.

O espaço do entre pode ser coeso ou estar expandido, como ocorre quando se trata de movimentos coletivos. Os interstícios podem atualizar, por exemplo, pequenos espaços vazios entre partes de uma frase ou entre línguas: porque se botados em movimento de fruição, fertilizam a nossa linguagem, possibilitando-a diversa. Assim, esta pedagoga em saúde mental se faz *mestiça*. Tão falsa quanto real, fica difícil apontar *nela* onde começa a ficção e quando termina alguma realidade. Obviamente que não estou a falar somente da pedagogia: reconhecemos que é da vida a criação da vida!

Mestiça, a pedagoga. Nunca soube o que lhe havia acontecido. Ela acontecia: de pouco em pouco, acontecia “do velho cara ou coroa que é afundar ou nadar, recordar ou esquecer, as diferenças que as coisas insignificantes provocam...” (Woolf, 1992, p. 270), acontecia em silêncio. Só assim podia ouvir.

Coisa de mestiça é trans-bordar. É sair da calha comum da palavra. É tecer o corpo e nascer ao mesmo tempo. A pedagoga que se quer mestiça, precisa desencahar: não há palavra régia em seu transitar. Mestiça de ter novidade para oferecer, de chegar sempre com telhas a menos. Mestiça, de acreditar em explicação de confundir, querer desperdício para poder

faltar, viver de inventar palavras de mansinho, bem de leve para não poder caber.

A prática mestiça reivindica outras paragens: práticas de atualizar interstícios e, sobretudo, reivindicar deixar vibrar pelo encontro, atos de saudar palavras em vida. A mestiçagem faz saber que, nenhum profissional estará efetivamente aberto à alteridade e à aprendizagem de sentidos sem experimentar uma terceira margem. A possibilidade terapêutica estaria na terceira margem ou lugar mestiço. (Ceccim, 2008, p. 266)

Esta *terceira margem* pode dizer de uma novidade para este lugar multiprofissional onde não mais nos relacionaríamos como diferentes perfis de profissionais de saúde, mas na produção de si e dos cenários de prática, experimentando no percurso de uma residência em saúde mental coletiva, fazer-se mentaleiro – aquele que se permite deixar ser outros. Esta terceira margem pode ser travessia de sensibilidade, onde o fazer terapêutico “emergiria em clínica mestiça ou clínica nômade; em que todos potenciais seguiriam se atualizando e o equilíbrio não seria outro que não a transformação permanente.” (Ceccim, 2008, p.267)

Práticas mestiças: quem sabe uma disponibilidade em vida de atuar a si mesmo? Desejar ausências em certos momentos de descuido de nós mesmos ou das nossas obrigações cidadãs, desejar a virtude de mover-se no instante que antecede a velha opinião elevada de si mesmo - *Já sei*.

Transformar-se permanentemente. Eis o desafio posto a um profissional de saúde mental coletiva. Traduzir-se. Entrecortar-se. Traquejar-se. Ser puro ato. Variável, na gramática, são palavras cujas terminações variam conforme suas relações gramaticais. Variável em saúde coletiva pode ser um *vir a ver de palavras* em pequenas percepções, entre defasagens, em deslocamentos, ali onde uma palavra pode nos surpreender com imperceptíveis deslizamentos entre dizeres. As possibilidades de um trabalho

multiprofissional em saúde “se reinventam e se redistribuem o tempo todo (...) desmancham formas de realidade e geram outras, que acabam igualmente dispersando-se no oceano, levadas pelo movimento de novas ondas” (Rolnik, 2005, p.89).

## **Da derivação**

s.f.: Ação de derivar ou de desviar as águas (ou outro fluido) do curso que seguiam. / Gramática: Processo pelo qual as palavras de uma mesma raiz se formam pela mudança de desinência ou afixos. / Matemática: Cálculo de uma derivada. / Medicina: Cada um dos circuitos eletrocardiográficos. (Aurélio, 2012)

A derivação consiste na formação de novas palavras a partir de uma palavra primitiva. Assim, tomemos como ponto de partida as palavras com bases já existentes na tentativa de novas palavras: pode um doido endoidecer doidivanas? O amanhã amanhecer amanhecido? A terra enterrar no terraço o horizonte? O louco enlouquecer a loucura? Palavras de base para outras palavras. Quisesse lágrima palavra de emoção líquida escorrendo da língua, doença palavra pó que num soprar de vento se vai, sussurros de um pequeno estar só, sem palavras.

O que pode a pedagogia fazer desviar na saúde coletiva? Com que palavras põem-se a navegar? Em que águas nossos corpos se propõem a banhar? Desviar a água do curso que segue pode ser misterioso. Ao desviar qualquer pensamento, percorrer outras águas, ao ritmo de tantas marés, distraímos a necessidade de informar, a busca por respostas, distraídos deixamo-nos ir com a correnteza. Uma vez no fluxo das marés, não mais uma margem para fixar. Nós liquefazendo palavras possíveis de água. Nós propondo palavras à deriva, em ilhas flutuantes. Derivar para tornar outro que não saberemos, compostos de uma terceira margem que nos atravessa.

Propomos este *entre* profissões, entre discursos, entre línguas, entre residentes, lugar de *derivação*:

um lugar de sensibilidade e equilíbrio metaestável, em que a prática terapêutica emergiria em clínica mestiça ou clínica nômade; em que todos os potenciais seguiriam se atualizando e o equilíbrio não seria outro que não a transformação permanente. (Ceccin, 2008, p. 267).

Escovar palavras pelo gosto de poder ouvir seu primeiro (e segundo e terceiro e quarto e quinto e...) gaguejar, como uma interferência em interstícios, possibilitar esvaziar palavras e encher outras. A pedagoga mestiça a caminho está: em processos de raspagem, na possibilidade terapêutica do lugar mestiço, na possibilidade de desmontar-se e remontar-se, sempre.

### **Do ensaio**

Inventei tantas outras pra eu ser. De muitas palavras e percursos, fiz-me de outros invencionáticos que, como eu, procurava imagens em caleidoscópios. Excursiono visitante e temporária *estas invenções*. Em mim, efeitos de tantas produções: um tanto desassujeitada, percorro beiras de abismos. Interessam-me os abissais, as nebulosas, os buracos-negros, as descidas da ladeira, os seres inanimados, o que é oculto, o impossível me interessa. Se eu desse pé não me ensaiaria.

Assim a pedagogia ensaia: com quais palavras compomos uma cena de saúde mental coletiva?

A pedagogia encena um passeio a céu aberto. No passeio, a possibilidade de um modelo melhor do que “a clínica individual de nossas aflições”. (Fagundes, 2009, p.13). Um pouco de horizonte sobre nossas cabeças, uma relação com o exterior: “somente uma pedagogia para dar sustentação a esse movimento, pelo seu caráter de coletivo, de cidade, de pensamento, de aprendizados.” (Fagundes, 2009, p.15).

Pensar a clínica enquanto movimento de acompanhamento, como uma experiência do limite, é o que propomos deslocando a clínica de qualquer especialidade ou lugar privilegiado ou discurso dominante, “de fato a experiência do AT nos obriga a colocar em questão os limites da clínica, ou melhor, fazer da clínica uma experiência do limite” (Araújo, 2008, p.15).

A seguir, cenas de uma pedagogia palavrageira em saúde mental coletiva. Contar. Inventar. Recriar. Zombar. Suprimir um ponto, acrescentar vírgulas Espirar os campos. Campo é palavra para o espaço do andarilhar do residente transeunte em serviços de desinstitucionalização da saúde mental coletiva. Espaços de andarilhos, tais campos, ora verdes ora concretos, fazem a pedagoga ir mais longe. Uma pedagoga para encenar, em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS II e CAPSi), na saúde indígena com a etnia Mbyá Guarani, em Residenciais Terapêuticos, cotidianos lindos de viver.

### **Cena I**

Acontece. Não se sabe muito bem como, mas eles vão que vão! Ou se sabe: a implicação é grande, oscila entre altos e baixos, mas ora acontece. O cenário é a sala de equipe do CAPS. Ali, um mundo de coisas, gestos, palavras, desejos. Desde as paredes a disposição dos móveis, a ligeira bagunça da mesa... Tudo vibra: o mural de recados e seus papeizinhos falantes, o armário de prontuários que para além de um registro protocolar, abarca histórias de vida. O chimarrão compartilhado em manhãs frias, o planejamento posto em prática, o estudo de caso estudado. Vibram pessoas porque elas têm gana, sempre.

### **Cena II**

Oficina Fora da Casinha. Uma oficina vagante que se dá em bando, em debandada. Encontros que percorrem cantos de uma cidade e abrem espaços para àqueles viventes fazerem-se no *fora*. A cidade é investida de

uma orientação pedagógica expressa em seu *modus vivendi*, nos cenários, nas ritualizações e nas instituições e, a educabilidade deste *fora* é uma constante no processo educativo que é a dinâmica urbana da cidade. A Oficina Fora da Casinha é detentora de uma instrução socializadora e investida de uma função pedagógica, por entendermos que esta cidade detém uma função social advinda da experiência da urbanidade, da experiência da urbanidade.

### **Cena III**

Acompanhamento Terapêutico: É compor trajetos, é fazer-se em processo, é um curso d'água, são obstáculos no caminho, são os ritmos de muitas caminhadas, é estar em muitos e também estar sozinho. Percurso se faz de relações com pessoas, de valorização do trabalho em equipe, se faz da escuta disponível, do riso fácil. *Para mim*, inscrevo um percurso que se dá em um corpo. "Que corpo? Tenho vários! Tenho um corpo digestivo, tenho um corpo nauseante, um terceiro cefalálgico, e assim por diante: sensual, muscular, humoral, e, sobretudo, emotivo: que fica emocionado, agitado, entregue ou exaltado, ou atemorizado". (Barthes, 2003, p.74). Porque não viemos de longe para nos enganarmos!

### **Cena IV**

Pedagogas a caminho estão sempre incompletas como quem de repente desfaz-se, aprende, compartilha. No caminho como quem de repente cresce, transforma-se, coletiviza-se. Como alguém que se compromete na tentativa com o plural, com o entredisciplinar. Estamos *mestiças*, fazemo-nos "capazes de escapar ao limite disciplinar das profissões e de se expor à alteridade (sem hierarquizações e sem divisões técnicas ou sociais) com os usuários e com a equipe de saúde" (Ceccim, 2008, p.2).

## Cena V

A deriva: "O que é preciso é pluralizar, sutilizar, sem freios." (Barthes, 2003.)  
Paredes o compõem. Demarcações, limites, escrituras. Fronteiras imaginárias, um corpo para *caber*. Queremos *fazer caber*? Sem lugar fixo, sem posologia, sem prescrição, na dissolução de diagnósticos, na porosidade de patologias, em espaços e tempos impossíveis de quantificar por metragem ou cronômetros, o acompanhamento terapêutico vagueia *entre* um dentro e um fora, um fora e outros foras, *entre* um *eu* e um *mim*, *entre* margens, nas travessias. Dá-se *entre* a rua e o acompanhado, *entre* o acompanhante e o acompanhado, *entre* o acompanhado e *ele mesmo*, *entre* qualquer lugar, dois pontos, em curvas e em emaranhados, em linhas, em paralelas, *entre* cruzamentos.

o que acontece com a rua quando a tomamos como clínica? Quais aspectos éticos e políticos estão presentes quando a clínica toma a rua como seu espaço de intervenção? Qual relação da cidade com a clínica? (Araújo, 2007)

Ela *entre* muitos *eus* e as paredes. Ela também compõe o quarto. Ela e o seu corpo sempre a desejar: o corpo espia a janela, ele sabe que ela pode mais. Ele (o corpo) faz com que ela espie pela janela, seus olhos vagueiam: há encontros, há plurais lá fora. Agora ela também sabe o que o corpo não esquecia: ela se lança como flecha para o alvo e como o alvo para a flecha. Há encontros. Do quarto para a janela, da janela para o portão, do portão para o carro, do carro para o ônibus. No ônibus os fluxos de uma cidade: passar a roleta, desviar do estudante e sua mochila carregada de palavras, sentir os cheiros de todas as gentes, ouvir o murmúrio resultante de tantas vozes, a dureza do som dos parafusos frouxos, ela que se lança ao incerto, ao des(a)tino, ao evento, as encenações, aos (im)possíveis, aos i(ni)magináveis, ela que, em ato, se encena, se desenha, se permite outra.

*Entretanto, este espaço nem público nem privado coloca frente olhos difíceis de enxergar, a loucura, o desvio, o estranho, o estrangeiro, o anormal. Ela, de corpo vagante pela cidade, evoca um novo direito de se relacionar: tatear estrelas, gostar das coisas do chão. Ela surpreende, desloca, faz ver, ajuda a olhar, a nos olhar. Ela, mais carne que síndrome, mais coletiva que individual, mais fora que dentro, mais rua que sala, mais trajetos que pousos.*

\*\*\*

*Pra começar esqueçamos o índio. Este genérico, do tipo que muda só a marca, que anda pelado usa cocar e faz uga-uga batendo com a mão na boca. Desfaçam-se de seus mais caros paradigmas e suas certezas sobre como é ser criança, relacionar-se, constituir uma família. Nós, em nosso antropocentrismo os identificamos, não raro, pela negativa: os sem cultura, sem escrita, sem religião, sem história. Disso chega. Basta. Fim.*

*A seguir, cenas de um fabulário cotidiano dos Mbyá Guarani*

*(em unidade básica de saúde de uma tékoa Guarani, fluxo intenso no posto, cachorro, gato, galinha. Dia de vacinação, pré-natal, criancinhas e barbadões. Tratamento de canal, uma extração. Equipe completa, residentes disponíveis – e achando tudo aquilo lindo!)*

## **Cena VI**

*Éramos nós, no barro vermelho jogando futebol, um coletivo. E eu, sabendo não mais que três palavras em guarani, me apaixonava outra vez. São crianças cooperativas umas com as outras: eu na goleira com mais dois pequenos de no máximo quatro anos, no campinho um time misto onde os meninos maiores, do tipo jogador neymar, praticavam a lindeza de compartilhar a bola com os demais, articulando o jogo no meio de campo de forma que todos pudessem jogar e assim, de fato, haver uma partida de*

*futebol*. Trinta minutos passados e eu, sem ar, tento propor um intervalo: “- Alguém aí está com sede? Que tal bebermos uma água lá no posto?”, ideia aceita, coletivo em debandada! Como as pias eram altas, os pequenos não alcançavam as torneiras. Tomo um deles em meus braços, menininho lindo, de rosto *craquelado* de tanta sujeira. Confesso, não pude me conter: *como uma profe no jardim de infância*, lavei bem aquele rosto, era verão e pude usar bastante água! E quando largo o menino no chão, *limpo de morrer*, com olhos arregalados, ele me observa de forma muito séria e, imagino eu, tenta entender “*o que foi isso que passou por mim?!*”

## **Cena VII**

Sementes de coentro doadas por um grande capixaba. Manjericão, hortelã, babosa e temperinho verde vindos diretamente do Centro de Eventos da Pitinga. Nós, com enxadas em punho, preparamos a terra para o plantio. Toda *indiarada* envolvida: os maiores misturavam composto orgânico na terra, enquanto riam do *nosso jeito* de branco, embora alguns desconfiem que o Vinícius seja um indígena! Os pequenos tentavam nos ensinar as palavras em guarani para as hortaliças, arbustos e árvores do entorno. Apontavam para um arbusto em específico e empolgados falavam: *Pin-tá!* Olho para o arbusto, médio porte, bem exótico eu diria, com umas bolas cabeludas avermelhadas penduradas aos montes: *A-hãm, legal, pin-ta!*” – falo eu com um desânimo próprio de um adulto sedentário. Mas continuaram a repetir *Pin-ta! Pin-ta! Pin-tá!* Voltamos para as funções do plantio e logo ele pararam com aquele coro de pequenas vozes. Passados alguns minutos de silêncio, em minha frente, *Marianinha* exibia um rosto pintado de um laranja avermelhado. Percebo *Cristina* com desenhos bem delineados nos braços, o menino pintou os olhos. Disse que era um dragão e eu acreditei, como poderia ser outra coisa? *Pin-tá*, soubemos na prática, é a palavra guarani para *urucum*.

Cena VIII



## Parte II

Na faceirice as palavras me oferecem  
todos os seus lados. Então a gente sai a vadiar  
com elas por todos os cantos do idioma.  
(Barros, 2008)

Nada é fixo entre linguajares, tudo é procura. Fluxo incessante de palavra, a saúde mental coletiva tem suas vozes, é através delas que atualizam os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), por de palavras tão especiais como universalidade, equidade, integralidade. As políticas de saúde mental são vivas de palavras, dizem da preocupação com o cuidado, fazendo-se debruçar sobre discussões onde as dúvidas em como cuidar são frequentes. Cuidar é também pensar as nossas palavras.

E com essa vivacidade de palavras dos coletivos multiprofissionais em um cotidiano de saúde mental, por exemplo, podem despertar diversas interpretações de um mesmo fato. Interpretar qualquer coisa nesse universo diverso da saúde pode suscitar opiniões às aparências que representam um cotidiano dito real. Ora, entre linguajares de coletivos diversos, não representamos, somente imitamos. Faz-se válida aqui a lembrança platônica de que a realidade em si é meramente uma imagem.

Assim imitar não é copiar. Imitar a si mesmo, expressar um estado de espírito: possível terapia para pessoas trabalhadoras e usuárias da saúde, à medida que os sentimentos seriam tratados quando expostos. Talvez, em um jogo de palavras, em uma mimese da linguagem, entre a imitação de si e a representação de um eu, a imitação possa ser encarada como manifestação da plenitude de uma realidade.

A pedagoga, no esforço do entre, sai a imitar suas palavras, fica a vadiar com elas pelos cantos do idioma da saúde mental coletiva. “A gente só gostasse de fazer de conta. De inventar as coisas que aumentassem o nada. A gente não gostasse de fazer nada que não fosse de brinquedo.”

(Barros, 2008, p.133). Eis que, dos encontros e dos afetos, surge a Oficina de Palavras, relicário imenso de pedagoga que pensa palavra por amor.

## **Oficina de Palavras**

O sujeito não existe. O sujeito é um efeito da linguagem. O sujeito é um efeito do discurso. O sujeito é um efeito do texto. O sujeito é um efeito da gramática. O sujeito é o efeito de uma ilusão. O sujeito é o efeito de uma interpelação. O sujeito é o efeito da enunciação. O sujeito é o efeito dos processos de subjetivação. O sujeito é o efeito de um endereçamento. O sujeito é o efeito de um posicionamento. O sujeito é efeito da história. O sujeito é efeito do *différance*. O sujeito é uma derivada. O sujeito é uma ficção. O sujeito é um efeito. (Corazza & Silva, 2003, p.11)

Prática de desmanche de palavras era o que tínhamos em mente. “dar importância não ao significado, mas à produção. Em vez de perguntar “o que é isto?”, perguntar “o que posso fazer com isto?”. Em vez de perguntar “é verdade?”, perguntar “como funciona?” Não interpretar, mas experimentar.” (Corazza & Silva, 2003, ). Interrompermos: o “eu”, a identidade, a totalidade de um sujeito. Nossa produção não teve definidos objetivo específico nem metodologias. Nossa produção foi processo que se deu em encontros: tentamos algumas linhas convergentes.

A Oficina de Palavras foi produzida em 2011 com pessoas frequentadoras do CAPS II de Viamão. Neste tempo esta escrevente já pensava escovar palavra. Na modalidade de oficina terapêutica, nosso movimento pôde fazer pensar que são as palavras que nos fazem viventes. Nossos corpos são constituídos de palavras, de discursos, de prescrições, de noções de saúde e de pedagogia. Somos viventes de palavras e nesses falatórios, a oficina ousa a invenção: porque *estas* palavras e não *outras*? Toda continuidade é apenas o efeito de uma interpretação. O que temos em vez disso são

falhas, quebras, hesitações, *movimentos inesperados, arranques e paradas abruptas*.

Descontínuos, nossas palavras em muitas direções informaram, proliferaram, gestaram, rotularam, fizemos caber palavra, apagamos e inscrevemos outras, ora não deixávamos nada. Mas não conseguimos sujeitos inteiriços, plenos, não contraditórios. Celebramos o prazer e o perigo da *confusão de fronteiras*. A incerteza pode ter grande potencial para criação de pensar outros *quereres e fazeres terapêuticos* neste mental que é tão corpo como uma espinha dorsal.

Iniciada nossa produção em oficina e as nossas palavras começaram a borrar, algumas permaneceram outras se descompuseram. Privilegiamos nestes espaços de oficina, operações de desmanches. Transformamos nossas palavras, que eram as palavras dos outros sobre nós mesmos em algumas dúvidas: Que palavras nos compunham? Reconheceríamos-nos nestas palavras? E se nos víamos e nos fazíamos naquelas palavras, como nos vemos e nos fazemos em outras tantas palavras disponíveis em nosso falatório infindo?

Fazer parte de uma Oficina de Palavras não é desvelar verdades estabelecidas em palavras no passado, ou simplesmente traduzi-las para acalantar inquietações do presente e tão pouco produzir efeitos num futuro. Trata-se de contestar a maneira sobre as quais essas palavras de verdade se fundaram, para que outras palavras e outras formas de escolhê-las se tornem possíveis. Investir em mudanças no campo subjetivo é combater práticas de assujeitamento que fecham ou esgotam o campo de possíveis, propiciando a criação de outros possíveis ou mesmo do próprio possível, quando o campo parece esgotado.

Exemplo: Após encontro, manuseio da leitura e afetação do Poema de Viviane Mosé *Receita para Lavar Palavra Suja*, passou por nosso processo

de lavagem de palavras. Em pedaço de tecido escrevíamos a palavra que gostaríamos de lavar. Palavras patológicas, que diziam de diagnósticos, foram escritas com tinta guache. Palavras da vida, como saudade e luto, foram pintadas com tinta de tecido. Após costurarmos nossos pedaços de tecidos escritos com nossas palavras à serem lavadas, em tarde de sol escovamos nossas palavras, mergulhamos em balde com água e sabão produção coletiva de pensar nossas palavras.

O resultado foi um tecido de várias mãos onde as *palavras doenças* pintadas a guache, borraram e se desconfiguraram. Legível mesmo somente as *palavras vida*. Talvez para dizer que a saudade que sentimos por alguém é de certa forma, permanente: sempre sentiremos saudades de alguém, ou de algo. Já nossas patologias, depressões, quadros clínicos, estes podem ser mudados, desmontados, refeitos, repensados, esvaziados, deixados de lado, transformados: se é da vida a criação da vida, é nossa a criação de noção de saúde.

sem crise da folha em branco

## Parte III

O dicionário dos meninos registrasse talvez àquele tempo nem do que doze nomes. Posso agora nomear nem do que oito: água, pedras, chão, árvore, passarinhos, rã, sol, borboletas... Não me lembro de outros. (Barros, 2008.)

A pedagoga toma para si um “dicionário de meninos”. Palavras corpo, palavras tópicas, palavras coisas e palavras coletivas. Parlarvas: nascidas de casulo. Talvez nem do que algumas palavras de desmontar, assim práticas de desmanche de palavras podem bem mudar velhos hábitos de informar.

### **Acolhimento**

As acolhidas, (a escuta primeira a pessoa ao CAPS) este cotidiano das pessoas inseridas num fazer em saúde mental, provocam-me. Tocam-me os timbres de voz, me movimentam as histórias de vida, fazem-me vibrar pelo som do silêncio em dois. Persigo experiências que se fazem de pensamentos transgressores, que se rebelam num fazer prudente, se implicam com o cuidado, Escutar é complicado e sutil. Diz o Alberto Caeiro que *não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma.*

### **Ética**

Ethos: ética, em grego; designa a morada humana. O ser humano separa uma parte do mundo para, moldando-a ao seu jeito, construir um abrigo protector e permanente. A ética, como morada humana, não é algo pronto e construído de uma só vez. O ser humano está sempre tornando habitável a casa que construiu para si. Ético significa, portanto, tudo aquilo que ajuda a tornar melhor o ambiente para que seja uma moradia saudável: materialmente sustentável, psicologicamente integrada e espiritualmente fecunda. (Boff, 1997, p.42)

## Plano Terapêutico

Este *plano* é curvilíneo. É emaranhado terapêutico: terapêutico de muitas (outras) dimensões que um plano não permite. Uma ciranda terapêutica! Também em côncavos! O que não quer dizer que não lacemos nossos dados. Sim, os dados foram lançados e neste tempo muito se há de desejar. No lançar dos dados dedos que ficam à espera, longa ou não, de alguma abertura capaz de fazer passar uma vida, um instante, desejos, uma ínfima palavra. São dedos que ficam à espera de *linhas* de cuidado neste *plano* que se anuncia pronto embora torto, inacabado, insuficiente, desajeitado, difícil de caber.

*Explico-me*: Não é possível traçarmos um plano já que estamos falando de vida e vida é caos. *Ora dá, ora não dá*. Compomos aqui e ali, nunca sós: no mínimo em dois. Aí, em dois a coisa é do nível do encontro. Encontro é encontro, precisa explicar? A vontade é grande. Os pactos se fazem. Mas onde mesmo é que vamos atar nossos nós? Não sabemos. Tateamos. Inconstantes e provisórias nossas pernas desacreditadas do que são capazes, caminham.

## Clínica

Etimologicamente, a palavra clínica remete ao ato de inclinar-se sobre o leito de quem sofre. Porém quem se inclina pretende curar, e uma cura, a despeito da diversidade de sentidos que lhe sejam atribuídos, jamais pode ser realizada de modo desinteressado ou neutro. (...) De fato, quando o sofrimento reside na alma, na subjetividade, aquele que se inclina não o faz simplesmente para despojar alguém de suas dores, mas, principalmente, das estratégias de existência associadas a essas dores, engajando todo o ser daquele que sofre. Deste modo, uma cura é algo muito diverso de uma decoupage: para além da eliminação do sintoma ou do sofrimento, está em questão um novo modo de subjetivar-se. (Gondar, 2004, p. 127)

## **Percurso**

Pra mim, o que recolhi no percurso desta residência, o que faz esta escrita, entre tantos outros relicários, são palavras de dúvidas constantes: Até que ponto estou realmente disposta a palavra do outro? Deixo falar e consigo ouvir sem as amarras de uma psiquiatria secular, de um movimento psicologizante? Será que minha palavra tem espaço e em quais espaços ela está? Numa gaveta? No mural da sala? No conceito final no portal do aluno? Onde estão minhas palavras, onde elas conseguem chegar, e de que forma chegam? Elas existem? Que viventes de palavras eu acolho e de que forma o faço? Quem me acolhe em minhas palavras e em meu viver e de que forma o fazem? O que é permitido à palavra e o que não é possibilitado ao pensar? Quem impossibilita a palavra? Existe alguém? Alguém se habilita?

## **Profissão**

Se a profissão de pedagoga tiver um fim ulterior a si mesma – sustento, reconhecimento, auto-realização, conscientização – estará contaminada pelo utilitarismo. Então, fenece. Pois, já se viu um pensador profissional? Os pedagogos potentes preferem ser aficionados. (Corazza, 2003, p.11)

## **Ressignificar**

Talvez um vazio que chega cheio, uma aprendizagem, um fazer, uma lembrança, algumas correspondências com o outro, transformar em algo, resignificar: elemento chave no processo de criar. Quisesse eu, ao menos uma vez, a - significar. Tirar qualquer valor, mesmo os criativos. Despir, expor o que não há, deixar pré concebido e não gestar, tornar invisível, ser um possível que não se concretizará. Uma não-mente, um não-pensar, desassujeitar, deixar de ser, zerar, devir-morrer, apagar, esquecer...

## Problema

A moral da criação e a moral da domesticação são plenamente digna uma da outra, no que concerne os meios de se impor. Podemos apresentar como princípio mais elevado o seguinte: para levar a termo a moral é necessário ter a vontade incondicionada do contrario. Este é o grande problema, o problema sinistro, ao qual consegui mais longamente: a psicologia dos "melhoradores" da humanidade. Um fato diminuto e no fundo modesto, este da assim chamada pia fraus, abriu-se um primeiro acesso a este problema. A pia fraus foi a herança de todos os filósofos e sacerdotes que "melhoraram" a humanidade. (...) Eles duvidaram de direitos totalmente diversos... Expresso em uma fórmula, poder-se-ia dizer: todos os meios, através dos quais até aqui a humanidade deveria se tornar moral, foram fundamentalmente imorais. (Nietzsche, 2000, p. 55)

## Escuta

A palavra tem importância na medida em que a relação dos sujeitos com o desejo está mediada pela linguagem, e nisto estamos todos envolvidos, como seres falantes, com seres vivos. Assim, a noção de escuta deve estar vinculada à ideia de cuidado, com o objetivo de abrir um espaço para a palavra e a produção do *louco*. Cuidado que muitas vezes recai numa prática moral educativa, uma vez que "cuidar" já pressupõe "o outro" como alguém que precisa de "nossos cuidados". Penso que seria importante comprometer o cuidado na perspectiva da escuta, o que deve implicar necessariamente, para nós, cuidar da nossa própria palavra no sentido de livrá-la dos preconceitos e de mantê-la aberta às expressões do inconsciente.

## Delírios

Eu exercia um pedaço da minha infância encostado à parede da cozinha no quintal de casa. Lá eu brincava de cangar sapos. Havia muitos sapos atrás da cozinha. A gente bem se entendia. Eu reparava que os sapos

têm o couro das costas bem parecido com o chão. Além de que eram do chão e encardidos. Um dia eu falei pra mãe: Sapo é um pedaço de chão que pula. A mãe disse que eu estava meio variado. Que sapo não é um pedaço de chão. Só se fosse no meu delírio. Isso até eu sabia, mas me representava que sapo é um pedaço de chão que pula. Hoje estou maiorzinho e penso no Profeta Jeremias. Ele tanto lamentava de ver a sua Sião destruída e arrasada pelo fogo que em casa lhe veio esta visão: Até as pedras da rua choravam. Ao escrever a um amigo, mais tarde, na paz de sua casa, se lembrou do delírio: até as pedras da rua choravam. Era tão bela a frase porque irracional. Ele disse. (Barros, 2008, p.147)

## **Subjetividade**

De uma maneira ou de outra, todos nós estamos implicados em processos de produção subjetiva, como máquinas de guerra a minar a armadilha de um "eu" interiorizado que sustenta práticas supostamente "individuais" de cuidado e atenção. A questão está em inventar modalidades clínicas de muitas saídas para a pluralização do potencial desejante das singularidades, nosso potencial de crítica e de revolta. A expressão da palavra 'produção de subjetividade' denota a necessidade de ativar coletividades.

## **Ativo/Reativo**

No que ele escreve, há dois textos. O texto I é reativo, movido por indignações, medos, desaforos interiores, pequenas paranóias, defesas, cenas. O texto II é ativo, movido pelo prazer. Mas ao escreve-se, ao corrigir-se, ao submeter-se à ficção do estilo, o texto I se torna ele próprio ativo; perde então sua pele reativa, que só subsiste por placas (em minúsculos parênteses). (Barthes, 2003, p.55)

## Parte IV

As palavras estão em nosso caminho! – onde os antigos homens colocavam uma palavra, acreditavam ter feito uma descoberta. Como era diferente, na verdade! – Eles haviam tocado num problema e, supondo tê-lo resolvido, haviam criado um obstáculo para a solução. – Agora, a cada conhecimento tropeçamos em palavras eternizadas, duras como pedras, e é mais fácil quebrarmos uma perna do que uma palavra. (Nietzsche, 2004)

Entre conversas com amigos, o tema educação e saúde sempre vieram à tona. Em espaços formais e em mesas de bar colocamo-nos a pensar sobre nossas inserções em serviços de saúde, em escolas, espaços de gestão. Somos professores e pedagogos, enfermeiros e educadores físicos, historiadores e psicólogos curiosos do exercício de também escovar palavras, de também fazer gaguejar conceitos. Expressão que gostei desses encontros entre amigos foi de uma pedagoga professora na educação infantil: “- *Engraçado, tudo que é terapêutico pra vocês, é pedagógico pra mim!*”.

Nunca havia visto tanta facilidade em trocar palavra de lugar, em misturar conceitos, em borrar certezas. Fiquei a escovar esta frase. Convivi com ela durante toda a residência, afinal, não é óbvio para eu tais distinções e nem sei se acredito que aja: o terapêutico e o pedagógico, palavras eternizadas em pedras de quebrar perna? Hoje penso que estar preocupada em definir quais palavras são mais terapêuticas ou mais pedagógicas não faz sentido. Terminei essa residência com palavra para zerar. Terapêutico e Pedagógico não dizem mais nada, estão cheios de informar. Talvez se lavarmos tais palavras, misturá-las em azul anil, talvez...

Quebrar palavras é quebrar práticas de saúde mental que acontecem em torno da confissão: “obrigação de fazer passar regularmente pelo fio da linguagem o mundo minúsculo do dia a dia, das falhas banais, as fraquezas

mesmo imperceptíveis, até o jogo perturbador dos pensamentos, das intenções e dos desejos; ritual de confissão.” (Foucault, 2003, p. 210).

Nossas práticas são nossos caminhos. Assim, quebrar pernas é quando uma pessoa usuária do serviço de saúde mental sabe exatamente quais palavras usar para conseguir aquele remédio ou tal laudo para perícia na previdência social. Este lugar certo de palavras chave, fáceis de caber, confessa: não sabe brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. A pedagoga propõe quebrar palavra para que esse *tudo confessar* em saúde mental possa ser tropeço de abrir olhos: e a gente vai continuar dizendo tudo?

Antes de palavrando, o silencilhar. A-signifizar. Desmanche de palavra só serve para deixar vazio espaços de dizer la-ra-lá... lá-ra. Burburinho de inventar latido. Grilo de choro cri-cricando o bem fazer. Palavra de louco fazendo gaguejar nossa saúde mental coletiva. Novas expressões de silenciar. Espaço vazio de palavra é mistério de gente diversa.

A pedagoga bem pode ser gente de restos de pedaços roubados de cenários inventados, ou não. Ser de fragmentos de tempo que pode ser agora ou pode ser nunca. Revisita sua memória com palavras, cava a pá chão rígido para ter algum indício que explique como ela fora parar ali. Seu desejo de uma conclusão sobre seu papel na saúde mental coletiva é provisório e inconstante, assim a pedagoga reinventa o vivo e o vivido.

## **O Vivo**

Há estranhos fragmentos nela a serem deglutidos, gritados, sufocados. Um corpo, muitos pedaços possíveis de serem extirpados. Suas memórias apontam para ilhas flutuantes que errantes navegam mares ora revoltos. Territórios onde fluem vidas, encenações, delírios e fabulações. Há loucura em nosso cotidiano. Há loucura nisso que chamamos saúde coletiva.

Na impossibilidade de uma essência, na falácia de um sujeito “saudável”, na necessidade de um porvir, a pedagoga segue sem entender o que há para ser *feito* ou *visto* ou *respondido*: garimpa intensidades de expressões. Em grandes casas para pessoas com sofrimento psíquico há muitas expressões: gentes de palavras de verdades, com métodos, sob planejamentos rigorosos, calculados. Um mar de gente que necessita algo que nem sabem bem... Num mundo de privações, *temos fome de quê?*

Não entender o que muitos acham que há pra ser entendido, (por exemplo, na loucura do outro, no discurso que ordena a prática no serviço, na certeza do como viver bem, na busca da clareza de um desejo interior, obscuro) não torna menor a pedagoga: um possível desentendimento faz um corpo para habitar, palavras para criar e espaços para esvaziar.

### **O Vivido**

Havia desejado estar onde estou. Até aqui são dois anos de movimentos diversos, dispersos, desejados. Fui levada a percorrer caminhos que se constroem no percurso, caminhos que se fazem como numa corda bamba: com precisão, na certeza de um chão.

Assim, necessito contar-lhes que é por oceanos que estou a navegar, e por entre corais e abissais, sigo forasteira e habilidosa em mares difíceis para navegar, porém, lindos demais para se querer voltar. Nunca antes tamanho ranger de dentes, quantas vezes de punhos fechados. Nunca antes o problema da loucura enquanto experiência trágica, enquanto experiência que se inscreve, que me inscreve, que me (re)faz. Nunca antes este desejo na minha loucura. Na fenda de um mar profundo mostro-me colorida, de forma não definida, brilhando para o escuro. Formas abissais. Vestida de silêncio e cor, tendo vivido o mais potente fazer cotidiano nos serviços de saúde mental onde jamais fui só: foi preciso ser sempre dois para eu ser louca.

## Epílogo

O prazer da palavra é o momento em que meu corpo adquire seu próprio linguajar. Porque meu corpo não tem as mesmas palavras que eu. Ele diz sem mim. Sem necessidade de curvar-se: o prazer da palavra no corpo é desvio de águas, deriva

toda vez que eu não respeito o todo e que, à força de parecer arrastado aqui e ali, ao sabor das ilusões, seduções e intimidações da linguagem, qual uma rolha sobre as ondas, permaneço imóvel, girando em torno da fruição intratável que me liga ao texto (ao mundo). Há deriva, toda vez que a linguagem social, o socioleto, me falta. (Barthes, 2010, p.26).

Falta-me a linguagem adequada, falta-me a capacidade de bem informar, falta-me a coragem para quase tudo explicar. Déficit de atenção? Recusa da utilidade das coisas? Então eu não sei como as coisas andam?

Em nenhuma outra residência de saúde mental coletiva no país, existe vaga para o curso de pedagogia. Penso em tais palavras e no efeito que elas me causam: - tem gente acreditando e trabalhando pela minha presença aqui! Gente que inventa palavra e reinventa meu dizer. No meio disso tudo que é a saúde mental coletiva, eu estava buscando a mim mesma, pensando em quem eu era e no que eu queria fazer comigo mesma.

E agora que me tornaram maior eu continuo com isso que *me faz texto*. Pensar nossas palavras, escovar sílaba por sílaba pelo prazer do desmanche de fonemas sons de ritmos e o aparecimento de vazios de ecoar silêncios, é potência de coletivos e na multiprofissionalidade em saúde mental coletiva, saber que as palavras sofrem decomposição por gosto. A pedagoga intui que, em processos de composição, derivação e ensaio de palavras, é

possível um gaguejar de conceitos e práticas em saúde mental coletiva, onde outras línguas podem fazer desinstitucionalizar palavras de aprisionar.

Jeito simples para dizer que as palavras da saúde mental coletiva não são elementos fixos *entre línguas*, em práticas de saúde multiprofissionais. Nossas palavras não são ingênuas e não dependem de uma lógica de entendimento: nossas palavras são *derivas*. Qualquer coisa sem lugar, sem fixação. Qualquer movimento sem língua. Nenhuma mentalidade. Nenhuma palavra. “Qualquer coisa de *neutro*? É fácil ver que o prazer do texto é escandaloso: não porque é imoral, mas porque é *atópico*.” (Barthes, 2010, p.30)

A produção de atos terapêuticos em equipes multiprofissionais desafia nossa estrutura de pensar práticas especialistas de cuidado. Esvaziar palavra é possibilitar atos de saúde em outras perspectivas que, diferente de paradigmas, servem para tirar da ponta da língua nossas palavras colocadas em prática para estabelecer o cuidado com o outro, colocando-nos ativos nos processos de mestiçagem, como intercessores.

Uma vez no lugar mestiço, inventar palavra que devolva alteridade do usuário, palavra que experimente em equipe a novidade, palavra que afirme a vida, palavra que traduza o “cuidado, tratamento e escuta como potências de invenção, como critério dos valores de atenção à saúde, como constituição de sentidos expansivos da vida e das aprendizagens para autoprodução de si e do mundo...” (Ceccim, 2008, p. 277)

*vou mostrando como sou e vou sendo como posso, jogando meu corpo no mundo, andando por todos os cantos e pela lei natural dos encontros eu deixo e recebo um tanto e passo aos olhos nus ou vestidos de lunetas, passado, presente, participo sendo o mistério do planeta. o tríplice mistério do "stop" que eu passo por e sendo ele no que fica em cada um, no que sigo o meu caminho e no ar que fez e assistiu abra um parênteses, não esqueça que independente disso eu não passo de um malandro, de um moleque do Brasil que peço e dou esmolas, mas ando e penso sempre com mais de um, por isso ninguém vê minha sacola – Novos Baianos – O mistério do planeta.*

Confesso,  
 aliás, que eu  
 estava muito,  
 a esse tempo,  
 e todos os seres  
 que andavam  
 a esfregar  
 as bar  
 rigas  
 chão.  
 artix  
 sem mu  
 pais do que  
 nesse ponto. Eram esses  
 pres que viviam ao gosto  
 e me davam fascínio. Eu não via nenhum  
 espetáculo mais edificante do que  
 pertence r do chão. Para mim, estes  
 peque nos seres tinham o  
 priv ilégio de ouvir as ton  
 te s da terra. Era a me  
 sma lesma. Eu via toda ta  
 rde a mesma lesma se des  
 pregar de sua concha, no quin  
 tal, e subir na p edra. É ela  
 me parecia vi criada. A les  
 ma ficava pre gada na  
 pedra, nua de gosto.  
 Ela possuir a a pedra?  
 Ou seria pos sur da? Eu  
 estava per vertido na  
 quele espet áculo. E se  
 eu fosse um voyeur no  
 quintal? Podia ser de  
 frio erótico...

no  
 Lag  
 as fos  
 Ito princi  
 as lesmas  
 pequenoss  
 do chão qu

## Referências Bibliográficas

Araújo, Fábio. *Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos à política de amizade*. Niterói, RJ, 2007.

Barros, Manoel de. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

Barthes, Roland. *O Prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Barthes, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

Bedin da Costa, Luciano; Galli Fonseca, Tânia Mara. (org) *Vidas do fora: habitantes do silêncio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

Boff, Leonardo. *A Águia e a Galinha: uma metáfora da condição humana*; Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

Buarque de Holanda. Aurélio Ferreira. *Míni Aurélio o Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Positivo, 2012.

Ceccim, Ricardo. Equipe de saúde: a perspectiva entre-disciplinar na produção de atos terapêuticos. In.: Pinheiro, Roseni; Mattos, Rubens Araújo de (org). *Cuidado: as fronteiras da integralidade*. Rio de Janeiro: CEPESC/UERJ, ABRASCO, 2008.

Corazza, Sandra. *Artistagens: Filosofia da Diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Corazza, Sandra; Silva, Tomaz Tadeu. *Manifesto por um pensamento da diferença em educação*, do livro *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Foucault, Michel. *A vida dos homens infames*. In: \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.203-222.

Gondar, Jô. *A clínica como prática política*. *Revista Lugar Comum. Modulações da Resistência*. nº 19 pp. 125-134. Jan 2004–Jun 2004.

Kristeva, Júlia. *Sentido e contra-senso da revolta: poderes e limites da psicanálise*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Lins, Daniel (org.); Feitosa, Charles (*et al.*). *Razão Nômade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

Palombini, Analice (org). *Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública: a clínica em movimento*. Porto alegre: Editora da UFRGS, 2008.

Vasconcellos, Jorge. *A Filosofia e seus Intercessores: Deleuze e a não-filosofia*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1217-1227, Set./Dez. 2005.

Woolf, Virgínia. *Objetos Sólidos*. São Paulo: Siciliano, 1992.